ANO XV — SERIE III | MAIO, 1934 | PREÇO, $50 — N.º 2

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERARIA PORTUGUESA
E ORGÃO DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO



MAIS UMA VÍTIMA DOS CARRASCOS DA POLICIA DE INFORMAÇÕES

MANUEL VIEIRA TOMÉ, antigo militante ferroviàrio, foi barbaramente assassinado pelos verdugos desta ditadura homicida!

Já depois de ter sido publicado o primeiro número de «A Batalha», recebiamos a dolorosa informação de que êste camarada havia sido infamemente assassinado pela Polícia Política!

Simultâneamente e para desviar as atenções do antro de miseráveis, à rua 16 de Outubro, onde se cometem as maiores barbaridades contra os presos, a «grande imprensa» dava a público a notícia de que o nosso desditoso camarada Manuel Vieira Tomé se tinha «suicidado» no Aljube!

Não sabemos que mais admirar: se a infâmia das autoridades se o descaramento, a audácia dêsses jornais que representam, afinal, o mais baixo, o mais gafado escol da actual sociedade portuguesa.

Além de tudo provar que o nosso camarada fôra vítima dum crime, tanto mais nefando quanto é certo os seus autores continuarem, impunemente, na sua sanha ferós, massacrando os militantes operários que têm a infelicidade de lhes cair nas garras sanguinárias, há isto, que não pode sofrer contestação de qualquer especie: no segrêdo do Aljube, onde Manuel Tomé estava encerrado, ninguém pode suicidar-se, pela simples e eloquente razão de não ter com quê! O mais insignificante cinto é tirado ao prêso que ali dá entrada.

Não tem, podemos afirmá-lo, uma única possibilidade de suicidar-se e, por isso, o nosso camarada Tomé não se suicidou — SUICIDARAM-NO!!!

E só quem não pôde verificar o estado em que se encontrava antes de ser sepultado, como nós verificamos, é que não reterá na mente espectáculo tão hediondo e terrificante, a cabeça completamente deformada e com vincos profundos, notando se, fàcilmente, as torturas verdadeiramente inquisitoriais a que os carrascos da Polícia de Informações o sujeitaram; os braços e os dedos das mãos estavam partidos em vários sítios e os pulsos queimados, evidentemente em consequência de ligação da electricidade às algemas!

Simplesmente horripilante!

O nosso martirizado camarada Manuel Vieira Tomé foi um dos operários que mais combateu e ardorosamente contra a poderosa e omnipotente Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguese-. Demitido em resultado de ter colaborado na greve de 1920, não mais deixou de contribuir com a sua acção enérgica, decidida, contra o potentado que, dêntro dêste país, é um autêntico e despòtico Estado que ao próprio Estado se impõe e dá ordens.

Se a Companhia Portuguesa persegue sempre e em todas as conjunturas os elementos que mais têm pôsto a nú as suas atitudes indignas e descaroáveis para com o pessoal que a serve e tem servido, certo é também que a sua exploração e o seu conluio com todas as fôrças reaccionárias e capitalistas vai até ao ponto de premiar (com o dinheiro que extorque aos trabalhadores!), larga e generosamente, os crimes da classe do que foi vítima o nosso infortunado camarada!

Neste momento é dever nosso — que comovida, sincera, leal e desassombradamente cumprimos — prestar homenagem ao infeliz camarada.

Todavia outro dever, também, se nos impõe: é apelar para a união consciente, sindical e revolucionária do proletariado nacional, para que se inicie um protesto enérgico, violento mesmo, que seja a resposta exigida e merecida aos crimes executados pela Polícia de Informações!

Trabalhadores de Portugal!

Não é esta a única vitima dos famigerados inquisidores da antiga, histórica e tristemente célebre rua da Leva da Morte!

Outros elementos, dos mais sacrificados ao ódio da ditadura têm sucumbido, aos martírios dos sicários, embora pouco tempo depois de os terem sofrido.

Outros camaradas, muitos outros, têm ficado fisicamente inutilisados—e para sempre!

Inúmeros são os exemplos e as provas visíveis do que fica escrito.

¿Deveremos consentir que o bando de miseráveis torpes e tôrvos continuem cevando os seus injustificáveis ódios, os seus naturais instintos de feras nos corpos e nas vidas dos elementos destacados da organização sindical operária?

Não. De maneira nenhuma!

Trabalhadores de Portugal!

Gritai bem alto, por todas as formas e em qualquer lugar, o vosso brado de protesto contra os processos torquemadescos de que têm sido e estão arriscados a continuar sendo objectivo os nossos camaradas mais dedicados e prestimosos!

Procurai tornar do conhecimento de tôda a gente — camaradas, amigos e conhecidos — os crimes da repugnante e homicida Polícia de Informações, o mais «heroico» baluárte desta monstruosa ditadura de esporas e hissope!

Enviai êste jornal para os pontos da província onde tenhais família ou amigos e, possìvelmente, até para o estrangeiro: Américas, França, Espanha. Enfim, para tôda a parte onde vos seja possível.

Escrevei para os vários pontos da Africa e referi os barbarismos de que somos vítimas! E' necessário que se saiba em todos os recantos do globo como são tratados em Portugal os presos da luta social. E' conveniente que se tornem claros e públicos os chamados «afanões»... do Salazar», que são os espancamentos, as algemas, o cavalo marinho, os choques eléctricos, o espicaçar e golpear dos corpos, depois de obrigarem o prêso a despir tôda a roupa que lhe tape as carnes, com lâminas de canivetes. E', em súmula, a requintada, a mais aperfeiçoada tortura — moral e física — de todos os camaradas que para lá arrastam. Os que não morrem, ficam arruinados!

Temos de iniciar um protesto que deve ser o mais amplo e o mais vibrante que as nossas consciencia e fé revolucionárias o permitam.

Em defesa da vida dos militantes da Organizaçao Operária Revolucionária!

Contra os processos refinadamente inquisitoriais da Polícia de Informações!

Contra a maior das tiranias!

Reagi, trabalhadores de Portugal!

NA TRAFARIA

Os presos sociais da Casa de Reclusão sujeitos a um regime deshumano, iníquo e intoleravel!

O govêrno da ditadura, na sua ânsia de perseguir e castigar o proletariado rebelde às suas escuras manobras de absorção dos organismos sindicais, não podia escolher para os seus desígnios melhor local para encarcerar os implicados na última tentativa de greve geral do que a Casa de Reclusão na Trafaria. Os nossos camaradas ali presos estão sujeitos a um regime absolutamente intolerável e absurdo, que não pode continuar, sob pena de graves prejuizos para a saúde da maioria. A Casa de Reclusão não possui as condições necessárias para alojamento das duas centenas de homens que ali se encontram. E' húmida, fria e a sua construção obedeceu ao barbaro e antiquado critério do sistema celular e penitenciário. Os últimos dois meses do rigoroso inverno que parece eternizar-se, foram ali sofridos pelos nossos camaradas. Dormem no chão, em cima de enxergas que deixam repassar a humidade do solo a tal ponto que, grande parte delas, estão pôdres. Para se cobrirem têm apenas duas imundas e coçadas mantas, quási completamente esburacadas e prenhes de vermes. As celas são pequeníssimas e obrigam três homens a alojarem-se em cada e ali permanecem respirando, constantemente, a viciada atmosfera da horrenda prisão. A higiene mais rudimentar é ali desconhecida. Até o simples banho é negado aos reclusos, salvo aos que preferem afrontar os riscos duma pneumonia ou dum resfriamento na desmanteladíssima «casa de banho», onde existe uma espécie de chuveiro de água gelada e o vento frio, cortante, entra por todos os lados. Os presos cujo estado de saúde exija hospitalização, reconhecida pelo próprio médico, não baixam ao hospital agravando-se, por isso, a doença, como sucede com um camarada nosso, tuberculoso em grau adiantadíssimo, que hà longo tempo espera a sua remoção para o hospital e que todos os dias definha mais e mais, agravando-se o seu sofrimento e expondo os companheiros de cela a um nocivo e fatal contágio. Um outro, atacado de grave infecção na vista, doença adquirida já na prisão, esperou, dias infindos, a sua ida para o hospital. Após inúmeras instâncias, mandaram-no ao hospital do Destêrro, de onde regressou sem estar completamente curado! A assistência clínica e farmacêutica é mais que deficiente. O «pôsto de socorros» não possui os medicamentos necessários e apenas há, para o tratamento de tanta gente, um único cabo enfermeiro que os únicos conhecimentos que possui não vão além das rudimentaríssimas fricções para «tratamento» do reumático e a miraculosa tintura íodo aplicada para quási todas as outras enfermidades. A alimentação é péssima. Consta dum rancho mal confeccionado com géneros avariados e servido em marmitas nojentas. Pode dizer-se, sem receio de contestação, que os nossos camaradas sofrem ali, além de outros horrores, o da fome. A melhor testemunha do que deixamos descrito seria o governador militar de Lisboa. Numa visita que ali fez, não há muito ainda, pôde verificar a angustiosa situação dos presos. Viu bem e manifestou a sua estranheza por estarem encurralados — é o termo — em cada cela tres homens! Viu bem as enxergas — duas para cada grupo de três homens! — apodre idas pela humidade do solo. Viu bem a repugnante mistela do rancho, detendo-se diante duma marmita indeciso na classificação a dar às «iguarias», socorrendo-o o oficial de dia com a «tradução», até ali indecifrável, da reles e ignóbil porcaria: dobrada com feijão branco... Seria, pois, o governador militar da capital a melhor testemunha do que relatamos — se quizesse falar. O regulamento interno é severíssimo. O silêncio é norma da casa e quem a não observe é sujeito a castigos graves. Os reclusos muito dificilmente podem comunicar entre si. A disciplina de caserna, férrea, brutal, é imposta por um pessoal que nem sempre prima pela correcção, produzindo esta circunstância contínuo mal-estar e irritação latente, embora surda. O sistema de visitas é muito defeituoso. Aos domingos, dia de maior afluencia, têm as famílias de estacionar horas seguidas junto do portão do presídio, muitas vezes á chuva, para conseguirem estar, junto dos presos que lhes são queridos, uns escassos dez minutos, quando não sucede terem de retirar-se por ter passado a hora permitida pelo regulamento. Neste ponto estão ainda em piores condições que os presos militares. Estes têm visitas duas vezes por semana e durante duas horas.

Eis, em síntese, a situação dos nossos camaradas enterrados na prisão da Trafaria.

Na própria simplicidade desta narração reside a sua eloquencia. Que o proletariado consciente veja a forma impiedosa como a ditadura burguesa se vinga de todos nós nas pessoas daqueles camaradas. ¿Será justo, será humano que o govêrno exceda o rigor do Tribunal Militar Especial, sujeitando os presos a um regime celular em que não foram condenados? ¿E' esta a mansidão dos melífluos sacristas da coorte do Salazar, que hipòcritamente prégam a paz e abnegação cristãs para melhor iludirem o pôvo ingénuo?

O proletariado que responda.

Os presos são barbaramente espancados e feridos por protestarem contra o regime de fome

Já depois de composta a local que se refere ao regime infame a que estão sujeitos os camaradas presos na Trafaria, fomos informados de que se produziram ali incidentes graves que só devido à grande prudencia daquelas vítimas é que não foram revestidos de aspectos trágicos. Deu-se o que era inevitável. A revolta e o mal-estar eram latentes. A situação, descrita acima, agravou-se dia a dia, em vez de melhorar. As entidades que governam no presídio, em vez de procurarem melhorar as condições dos presos requisitam antes uma fôrça de infantaria, armada de metralhadoras, para reforçar a guarnição. No dia 22 de Abril, a maioria dos presos, nega-se a levantar o rancho intragável que lhe dão por comida. Há gritos, ouve-se fortes protestos, cânticos revolucionários. E nada mais porque os presos não possuiam outra arma ofensiva além da sua voz cheia de razão. Foi o pretexto para que a horda avançasse «heroicamente», de baioneta calada, para dentro das celas e aí agredisse brutalmente, à coronhada, alguns dos manifestantes, numa sanha tão ferós que até eles próprios se feriram. Nesta «avançada heroica» é justo que se destaque um tal tenente Almeida, catòlico fervoroso e temente a Deus, para que a ditadura possa premiar o seu zêlo. Três homens ensanguentados, moídos pela brutal agressão; dezasseis transferidos urgentemente para os calabouços do Govêrno Civil, em rigorosa incomunicabilidade; um aparato bélico ridículo, para demonstração de fôrça e... ficaram indestrutíveis os princípios, a ordem e a segurança do Estado Novo!

Todavia a situação dos camaradas presos agrava-se, em vez de melhorar. Espera-se, talvez, pelo recrudescimento do seu exaspêro, para que a tropa da ditadura possa saciar melhor os seus instintos sanguinolentos.

CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal e o Comité Nacional têm, numa acção conjunta, desenvolvido intensa propaganda no sentido de os sindicatos considerados ilegais pela ditadura montarem os seus serviços de cobrança e activarem a sua acção clandestina. Este trabalho tem sido moroso em consequencia das perseguições feitas pela ditadura aos trabalhadores revolucionários.

Todavia e apesar disso constatamos, com agrado, que nalgumas localidades já existem organismos com a sua acção normalizada. Nestes trabalhos têm colaborado grupos anarquistas e a Federação Anarquista da Região Portuguesa. Em resultado da normalização da vida clandestina de alguns sindicatos, vão reaparecendo os seus órgãos de imprensa. Todos os militantes devem contribuir para que o esfôrço das respectivas classes se faça sentir na defesa dos seus próprios interesses e num combate constante à ditadura e aos sindicatos fascistas.

Comités Federal e Nacional

SOLIDARIEDADE!

No dia 16 de Fevereiro realizou-se na sede do Sport Club Portuguez—65 Madison Street—(América do Norte), uma festa em benefício das famílias dos operários presos por questões sociais, promovida pela Comissão Social em Newark. A colónia portuguesa acorreu, patentando assim a sua solidariedade material e simpatia espiritual para com as vítimas do Capitalismo. A Comissão Promotora não se poupou a esforços para proporcionar um espectáculo atraente, a avaliar pelo programa que está em nosso poder e que a absoluta falta de espaço nos inibe de publicar. E' digna do nosso reconhecimento por se terem lembrado das vítimas da ditadura militar fascista que nos vilipêndia e asfixia. Enviou à Federação de Solidariedade 119.25 dolares, que renderam 2.549$55. A' Comissão e a todos que contribuiram para o êxito da festa enviamos, em nome dos presos e de suas famílias, a mais significativa gratidão. O gesto da Comissão Social de Nevark deve ser secundado por todos os nossos camaradas que residam no estrangeiro. Apelamos para êles, cônscios de que não negarão a sua solidariedade aos presos e perseguidos em consequencia da luta social.

Na vila de Montijo efectuou-se, em benefício dos camaradas presos, uma festa de solidariedade. O produto, 507$00, foi entregue ao Conselho Jurídico e à Federação de Solidariedade.

ESCLARECIMENTO

Afirmamos no nosso «Boletim» que o delegado da C. I. S. não tinha aparecido no local combinado. Essa afirmação era baseada em informes do delegado dos autónomos. Por dever de lealdade esclarecemos que o que êste camarada nos disse foi «que se não tinham encontrado, pois retirara do local a determinada hora e, por êsse motivo, não podia afirmar se o delegado aludido ali tinha estado ou não». Todavia sabemos que, de facto, o delegado da C. I. S. não compareceu no local combinado, ignorando quais os motivos que originaram a sua falta. E está feito o esclarecimento que supomos suficiente.

OUTRO CAMARADA QUE BAQUEIA

MAIS UM CRIME DA POLICIA DE INFORMAÇÕES

Esta campanha que estamos dispostos a sustentar, através de tudo, contra um sistema político que ha-de afogar-se no sangue dos que são imolados aos seus tôrpes desígnios de escravidão e de mentira, tem de produzir salutares efeitos no espírito dêste pôvo que anseia libertar-se duma das maiores tiranias que até hoje o têm sacrificado.

Se há ainda quem ignore a maneira como são tratados os chamados presos políticos e sociais, os casos que «A Batalha» irá relatando serão os suficientes para se poder avaliar do «prestígio» duma situação política que desce aos mais canibalescos processos de opressão para conservar-se no poder. O caso que vamos descrever, ràpidamente, confirma o que dizemos no artigo que noutra página dêste jornal é publicado àcerca da morte do nosso indítoso camarada Manuel Tomé: «os que não morrem imediatamente, em consequencia das agressões com que os atingem, ficam fisicamente arruinados para o resto da existencia». ¿E o que representa isto? Representa que são poucos os indivíduos — principalmente operários — que depois de terem caído nas garras dos algozes da Polícia de Informações, consigam gosar saúde. As vítimas morrem prematuramente, pois os males produzidos agravam-se todos os dias, durante a clausura nas prisões, onde não há a mais rudimentar higiene, onde a alimentação é insuficiente e sempre mal manipulada; onde estão sujeitos a um regime de tortura moral que não lhes concede nem sequer o direito de esboçarem a mais simples reclamação, por mais justa e razoável que seja; onde se definha, em súmula, vertiginosamente.

Pois é um dêsses casos que vamos tornar público:

Vítor da Conceição, a vítima, foi um lutador contra a ditadura — como muitos outros. Prêso em 1930, sofreu os maiores tormentos, as mais infames torpezas morais e físicas. ¡Espancaram-no, selvàticamente! Não satisfeitos com isso, atiraram-no para Timor. Daqui partiu, já profundamente abalado. A viagem dolorosa e o clima mortificante em que o forçaram a viver durante alguns meses, cavaram mais fundo o seu sofrimento. Quando regressou, era apenas um espectro. Pois apesar disso, pouco tempo o deixaram em liberdade. Prêso mais uma vez, recomeçaram os verdugos o seu «heroico» afan. E para coroarem «magnânimamente» a sua obra, as «imparcialíssimas» esporas que nos tribunais especiais estão sabujantemente ao serviço da ditadura reaccionária, condenaram-no a cinco anos de desterro!!! Estava há meses na Cadeia do Aljube, sujeito a um rancho insuficiente e impossível de digerir. Rogou, algumas vezes, que lhe consentissem a entrada de mais alguma alimentação, que pagaria do seu bôlso, a fim de melhorar o rancho, que quási sempre não comia. ¡Nem isso consentiram! E' evidente que o sofrimento se agravaga, implacàvelmente. ¡Requisitava a assistência do «humaníssimo» médico e êste dizía-lhe «que não tinha doença alguma»! Como se visse despresado, escarnecido, torturado e quási cadáver, pediu autorização para adquirir e beber ovos. Responderam: «¡Não autorizamos!»

Era, pois, inevitável o que se deu.

No dia 8 do corrente morria Vítor da Conceição, rodeado apenas dos seus camaradas de prisão, sem assistência médica, que urgentemente requerida, após os graves sintomas duma indisposição, que o aniquilaria para sempre, nunca mais chegou. A pesssoa que o acaso nos fez encontrar preguntava, ao relatar-nos a tragédia:

¿—Pode permitir-se, camarada, a continuação dêste estado de coisas?

—NÃO PODE!—lhe respondemos convictamente, certos de que o proletariado saberá unir-se para dar a resposta condigna ao bando de facínoras que têm servido de esteios da ditadura!

¡NÃO! O contrário seria a morte de todos os homens dignos que não querem ser escravos!

¡NÃO! O pôvo português exigirà, no momento próprio, a cessação completa e irressurgente de tanto banditismo, de tanta deshumanidade!

Não, não e não!

Juventude!

MOÇO — que acabas de saír do círculo vasto das grandes ilusões, que é a infância; que te encontras chocado pela dureza triste das realidades; que começas a viver a dôr;

JOVEM – que labutas na oficina, num trabalho duro e infrene, sem esperança de conquistares um trabalho livre e nobilitante; sujeito aos vexames do patrão boçal e autoritário; vergado ao pêso do mundo velho dos dogmas e das ideas feitas;

SOLDADO — que deves castigar o insurrecto; fusilar o sublevado; submeter-te ao oficial, cègamente, indiscutìvelmente; que és carne de canhão, sem sentimentos e sem personalidade;

ESTUDANTE - que aprendes velharias; que não tens o direito sagrado de crítica e de análise; que não podes compulsar a vibração do mundo que desperta;

JUVENTUDE!
reage, desperta, luta!

Vem somarte conôsco, jóvem como tú, ao grande movimento da libertação humana. Vem proclamar:

que a guerra é um crime contra a humanidade;

que a decadencia capitalista e a evolução moral da humanidade impõem a socialização de tôdas as riquezas e bens sociais;

que à luta fratricida do dia a dia preferes a luta vibrante duma sublevação geral — a Revolução Social,

para ser instaurado um regime econòmicamente igualitário e politicamente livre. O Comunismo (princípio económico) e a Liberdade (sentimento humano e conceito filosófico) são as nossas duas grandes aspirações. O comunismo libertário é o nosso ideal, o da juventude! A Anarquia o resolve! Por ela lutemos, com ânimo, com persistência!

Alvaro Catarino

O «nacionalismo» dos farsantes!

Em Portugal, ùltimamente, mercê da violência com que a ditadura tem conseguido sufocar as aspirações de Liberdade dêste pôvo, cada vez mais na miséria e dia a dia mais escravizado, alguns senhores bem tratados julgam-se no direito - sem admitir contestação de nos impingir uma lenga-lenga nacionalista capaz de nos levar ao paraiso dos regimes descobertos até agora para a nossa felicidade...

Porém, o nacionalismo é um sistema político dos mais antigos e sob o qual têm imperado os maiores tiranos que a história regista em paginas tintas de sangue.

Salvaguardando o tempo decorrido e, por consequência, a mentalidade dos povos e suas correspondentes necessidades materiais, tôda a acção do antigo cesarismo foi envernisada dum acentuado nacionalismo. Napoleão foi um dos mais furiosos nacionalistas; Bismark como nacionalista se apresentou e hoje temos, para não falar noutros, como nacionalistas ferrenhos e violentos, Mussolini, Hitler, Dolfuss e Salazar.

¿O que nos diz a história dêsses interregnos sangrentos, onde a vaidade de qualquer tirano se opunha à mais simples manifestação popular?

Diz-nos que a «exaltação nacionalista» não é mais nem menos do que a guerra iminente, o esmagamento do fraco, a escravidão dos que trabalham. Nos períodos de maior opressão nacionalista é que foi possível desencadear as mais tremendas guerras e se cometeram as mais dolorosas repressões das massas produtoras. E, daí, as grandes convulsões sociais.

O exemplo de ontem é a realidade de hoje.

Nacionalista era a França de 69, de que resultou a Grande Revolução.

Nacionalista era o imperialismo russo que originou a Revolução Proletária de 917.

Hoje os casos mudam apenas de aparência pela razão de o factor económico ter provocado em todo o mundo uma verdadeira revolução.

Porém, no fundo e em espírito o panorama é o mesmo.

Com maior ou menor transigência, visto ter de se atender um pouco às necessidades materiais dos povos, em resultado do seu permanente irrequietismo, os «nacionalismos» de hoje são idênticos aos das eras passadas, pois a luta de agora só vem provar, com a maior nitidez, que apenas existe um conflito eterno entre estes dois princípios: o «autoritário» e o «libertário».

Na Itália, desde a saudação à romana até à imposição duma imprensa obrigatòriamente fascista, duma advocacia fascista, duma Universidade e duma magistratura fascista ¿o que é aquilo senão o maior atentado contra o pensamento humano, nas suas mais elevadas manifestações científicas, filosóficas e artísticas?

Na Alemanha o ódio de raça que o nacionalismo encarna, a expulsão do seu território de todos que não descendam directamente do seu «sangue», a destruição de obras literárias e cientificas dum valor incontestável, a fogueira de milhões e milhões de volumes, ¿o que é aquilo senão a consequência duma educação reaccionária, militarista, que em tudo ceva o seu ódio para impôr princípios verdadeiramente draconianos, atentados contra a própria natureza, como a lei de esterilidade?

Por cá, a fingida e hipócrita humanidade para com os «desherdados», o processo de arrancar, pela fôrça, «cem», para depois, «generosamente», dar apenas «cincoenta»; a subordinação ao catecismo; o silêncio imposto à maioria ¿o que é isto senão o prolongamento da escola jesuítica que aqui tem a sua expressão máxima nas calculadas atitudes do ditador?

Contra nós, que somos internacionalistas; contra o nosso princípio de um entendimento fraterno entre os povos; contra a idea de económica e reciprocamente nos auxiliarmos levantam-se, em grito unísono, todos os exploradores do proletariado, quer os que se encontram no campo designadamente capitalista, quer os que dêstes recebem as prebeddas e os elogios.

E então é um desvairar de infâmias e de insultos à própria inteligêucia e dignidade humanas.

¿O que queremos nós?

Êles o dizem: o amor livre, a socialização das mulheres e a queda da civilização.

Mas eles sabem que nós não queremos o amor livre no sentido ba ântico e desmoralizador que lhes atribuem. O que nós queremos é que a mulher tenha a liberdade de escolher como companheiro o homem que mais lhe agrade e não obedeça e respeite os preconceitos que a «moral» desta sociedade egoísta, devassa e animalizada lhe impõe e que a obrigam a desposar, por conveniências familiares e, na maioria das vezes, despresando, odiando até, o companheiro que lhe destinam.

O que nós queremos é abolir o interêsse na ligação; é elevar o acto ao maior aperfeiçoamento moral e espiritual. O que nós pretendemos é estabelecer a junção voluntária de dois entes de sexo diferente e não pela convenção ou pelo dogma e que a mulher não tenha — como agora tantas vezes acontece! — que vender ou alugar o seu corpo para poder alimentar-se.

E os nacionalistas que não querem o amor livre não só pretendem justificar a prostituição como a regulamentam e exploram!

Não querem o amor livre e são eles que concorrem, directa e indirectamente, para o adultério, para a prostituição, para a incompatibilidade de génios e para ausencia absoluta de afinidades sentimentais, morais e intelectuais entre os cônjuges.

¡Farsantes!

¿E as bombas do proletariado, os seus movimentos revolucionários, as suas vítimas inocentes?

Como se a grande guerra, consequencia lógica e fatal do seu vigário nacionalista, dos interesses nacionalistas de todos os países que procuravam a supremacia comercial, económica e política do mundo não tivesse produzido maior número de vítimas que todos os movimeutos e gestos revolucionários efectivados, até hoje, pelo proletariado internacional!

Como se as granadas de mão usadas nas trincheiras e até na sufocação de protestos dos trabalhadores não sejam mais daninhas, mais traiçoeiras que as bombas dos grévistas!

Como se as bombas lançadas dos aeroplanos em 7 de Fevereiro e por ocasião do movimento da Madeira não tivessem sido mais mortíferas!

Como se não soubessemos que ainda há poucos dias a revolução austriaca foi esmagada pelas bombas arremessadas dos aeroplanos!

E os gases asfixiantes e tôda a série de combinações químicas que têm trazido e continuarão trazendo a loucura, o delírio e a morte duma grande parte da Humanidade ¿o que são senão produto da imaginação doentia dos nacionalistas, da sua «magnânima» civilização?

¿Poderão negar estas verdades os «corações de pomba» dos salazares, dos rolões, dos «nuninhos» e dos... «ferros»? Não podem. E, de resto, o proletariado já desde há muito que sabe o que quere e para onde se encaminha a luta económico-social travada em todo o mundo e não há, portanto, vigarice nacionalista, patriótica, fascista que o iluda ou envenene. E também não esqueceu ou jámais esquecerá a única verdade sublime que tem de ser, sempre, o seu objectivo: «A emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos mesmos trabalhadores!» E, fora com os farsantes!

"A BATALHA"

O reaparecimento do porta-voz da Organização Sindical Revolucionária produziu grande entusiasmo entre a massa proletária de todos os pontos do país. Aumentamos a tiragem do presente número, a fim de podermos satisfazer todos os pedidos. Assim afirmam os produtores a sua concordância espiritual com a C. G. T, que jámais desaparecerá.

«A Batalha» tem recebido incitamentos e comoventes provas de solidariedade da parte de camaradas anarquistas que não se têm poupado a esforços para divulgá-la. E' justo — e por dever de lealdade e muito gostosamente o tornamos público — salientar que da mesma forma têm procedido alguns camaradas da tendencia marxista. A todos agradece a solidariedade prestada

A REDACÇÃO